

# HOLLY BOURNE



## ISTO SÓ



## ACONTECE



## NOS FILMES



SINCERO ★ IRREVERENTE ★ HILARIANTE

Para Eryne e Willow

«Os filmes românticos são verdadeiras máquinas de fazer dinheiro, puras catedrais do amor assentes em estruturas frágeis e perigosamente estereotipadas.»

Audrey Winters

Projeto de Ciências da Comunicação

## PRÓLOGO

Não estava à espera de velas.

Todo o cinema estava iluminado — velas pequenas com um suporte de metal e velas grandes, daquelas que iluminam as igrejas. Todo aquele calor provocava-me uma enorme comichão no corpo.

Pisquei os olhos e abanei a cabeça.

— Mas que raio?

Depois, vi o Harry.

Estava com um ar tão orgulhoso de si mesmo. O cabelo todo espetado, as mãos enfiadas nos bolsos, a cabeça inclinada para o lado e aquele sorriso que era a sua imagem de marca. A luz das velas a piscar dava a ideia de que o Harry era um holograma.

Harry...

O meu corpo entrou em disputa. O coração martelava-me as costelas, como se tentasse que me aproximasse do Harry. Mas tudo o resto lutava para se manter longe. Os meus intestinos faziam um barulho estranho, o meu estômago revolia-se e a bÍlis subia-me à garganta.

— Audrey... — disse, avançando por entre as luzes das velas, e eu dei um passo atrás. A sua expressão esmoreceu e escondeu por completo os seus dentes. — Audrey, por favor, ouve-me. Fiz tudo isto por ti.

Até aí eu já tinha percebido, mas não mudava nada.

— Harry, não podes simplesmente acender umas quantas velas e...

Ele avançou novamente e aproximou-se de mim. Tocou-me na cara, limpando delicadamente uma lágrima do meu rosto com o polegar. Uma lágrima que eu nem tinha percebido que vertera.

E dou por mim a pensar... *Se isto fosse num filme, o que é que estarias a fazer, Audrey?*

*Estarias a gritar com a rapariga do ecrã? Estarias a atirar-lhe com pipocas e almofadas e a gritar NÃO CEDAS, SUA PARVA?*

... *Ou estarias a suspirar — desejosa de que ela ouvisse o que ele tinha para lhe dizer?*

# 1



## A GRANDE DIVISÃO DE CLASSES

Uma rapariga rica conhece um rapaz pobre.

Vêm de mundos diferentes.

Ela tem à sua frente um futuro brilhante, mas sente-se sufocada por ele.

Ele tem andado por maus caminhos. Pertenceu a um gangue. Mas já não pertence.

Porém, tem um aspeto bastante duvidoso para que os pais dela o aprovelem quando se apaixonarem loucamente, apesar de não terem literalmente quaisquer experiências de vida em comum.



— Aqui é onde guardamos o porco desfiado.

A Marianna — «toda a gente me trata por Ma» — abriu a portinhola de metal e o fedor a porco morto explodiu-me na cara.

— O quê?

— O porco desfiado — repetiu. — Para as sandes de porco desfiado.

— Os cinemas servem sandes de porco desfiado?

Dei um salto quando a Ma bateu com a portinhola de metal.

— O Flicker não é só um cinema. Não somos como o CineUniverse. No Flicker, orgulhamo-nos de servir uma experiência única e diria que quase «tosca» de cinema. — Alisou a sua saia preta. — Agora, se me acompanhares à cozinha, vou mostrar-te como fazer *guacamole*.

Duas horas depois, ainda não tinha aprendido a fazer nada daquilo que imaginara que iria aprender a fazer num cinema independente. A Ma nunca mencionou nada acerca de filmes, nem sequer me mostrou onde estava o projetor. Em vez disso, ensinou-me a trabalhar com a máquina registadora, a esmagar abacates, a desfiar porco, a misturar vinagre balsâmico com azeite na quantidade exata para fazer um molho para molhar o pão, oh, e a misturar «pó de canela» nas pipocas. A Ma demorou uma hora a admitir que sim, que eles ainda vendiam pipocas.

— Quando é que me ensina como se tiram os bilhetes e como se encaminham as pessoas aos seus lugares? — perguntei, enquanto lavava os restos de abacate que se haviam enfiado por baixo das minhas unhas. O cinema abria daí a menos de 30 minutos e eu ainda nem fora ver as salas.

A Ma sorriu.

— Oh, não queremos que corras antes de conseguires andar.

Aquele sorriso fez a minha barriga revolver-se tal como me acontecia na cena mais horripilante de um filme de terror, quando o demónio aparecia do nada. A Ma não parecia ter mais de 30 anos, mas comportava-se como um androide. Tinha o cabelo apanhado num carrapito e andava de forma ridícula nuns saltos altos em que não estava nada à vontade.

— Por hoje, podes ficar encarregada apenas da comida. Foi o que coloquei na tua rota.

Já tinha visto a dita folha cheia de códigos de cores na sala dos funcionários, no andar de cima. Cada hora tinha um intervalo de dez minutos.

— Ótimo — disse, num tom bastante agudo.

— O Harry deve estar a chegar para tratar dos bilhetes. O novo filme de Dick Curtisfield estreia hoje. Por isso, o cinema deve encher.

Dick Curtisfield. Costumava adorar os seus filmes meio vagos, amorosos...

— Está tudo bem? — A Ma olhava-me com um ar de quem iria matar-me caso eu dissesse outra coisa que não «sim». Mas o facto de o cinema ir ter muita gente era bom. Por isso aceitara o trabalho. Não me interessavam as mentiras às quais as pessoas estavam dispostas a assistir, desde que eu estivesse demasiadamente ocupada para não pensar na mensagem que recebera no telemóvel.

Mãe: O teu pai quer vender a casa.

*Ele quer que vendamos a casa. A nossa casa. O nosso lar.*

Retribuí o sorriso à Ma porque, por vezes, sorrir é a única coisa que nos impede de chorar.

«Encher» era um eufemismo. O cinema tinha apenas duas salas, separadas por um espaço com alcatifa roxa onde ficavam a bilheteira e um bar minúsculo. Quando o espaço enchia, mal se vislumbravam as estrelas de Hollywood que adornavam as paredes.

O Harry apareceu dois minutos antes de abrímos, tresandando a tabaco e trazendo consigo o ar frio do outono.

— Eu sei, eu sei — disse ele, olhando para a Ma enquanto esta apontava para o relógio. A seguir, e antes que ela pudesse chamar-lhe a atenção, ele abraçou-a e levantou-a no ar.

— Harry, põe-me no chão!

Quando ele a largou, ela estava muito corada e sorria.

— Há uma fila enorme lá fora — afirmou ele.

— É por isso que é inaceitável que chegues atrasado. Outra vez. A tua rota diz que deverias ter chegado há meia hora.

— Eu chego sempre atrasado, Ma. Não podes simplesmente aceitar esse facto e colocá-lo na rota?

Ela sorriu. Ela de facto *sorriu*.

Mantive-me atrás do balcão, a limpá-lo vezes sem conta de tão nervosa que estava.

— Olá, pessoa nova.

— Esta é a Audrey. — A Ma falou por mim, enquanto se mantinha atrás dele. — Anda no ensino secundário, pelo que só faz uma noite durante a semana e os fins de semana.

Harry correu para trás do balcão e veio direito a mim como se «violação do espaço do espaço pessoal» lhe fosse indiferente.

— Eu conheço-te. — Tinha cabelo preto bastante espetado, todo ele com umas pontas mais compridas do que outras, como se tivesse sido torcido com muita força quando estava molhado.

Abanei a cabeça.

— Acho que não.

— Não, conheço... — Ele ia dizer mais qualquer coisa, quando a Ma lhe sibilou:

— Harry? A fila?

Harry saltou por cima do balcão e foi direito à porta para a abrir e deixar que todos entrassem em modo «carneirada».

Bem, entrar em modo carneirada é algo que, felizmente, as pessoas de Bridgely-upon-Thames não fazem. De resto, todas usam *Chanel n.º 5*, malas da *Radley*, vivem em vivendas, leem o *Daily Mail* e frequentam aulas de oboé até atingir o nível oito com distinção. A fila de pessoas avançava lentamente em direção ao bar, tal e qual um apocalipse de zombies chiques. Larguei o meu pano e, a gaguejar, perguntei ao primeiro casal da noite o que queriam.

— Então, podem ser dois copos de vinho *Chilean Merlot*, dois pacotes de pipocas com canela, as azeitonas com alho... Oh, desculpe... Levamos antes uma garrafa? Uma garrafa de vinho...

E estava demasiado ocupada para voltar a pensar. O que para mim era ótimo.

## 2

Os filmes começaram e houve uma certa acalmia depois de todo o rebuliço inicial. Nervosamente, perguntei à Ma se poderia ir à casa de banho e, antes mesmo de me responder, ela olhou para o relógio.

— Sim, acho que precisas de uma pausa. Tens dez minutos.

Passei os dez minutos na casa de banho dos funcionários, com a cabeça enfiada entre as pernas. O telemóvel não parava de vibrar no meu bolso. Ignorei-o.

Quando regresssei, o Harry estava no átrio, a recolher os copos vazios que as pessoas tinham deixado espalhados em cima do balcão.

— Estiveste ali um bom bocado — disse. A sua familiaridade era estranha, mas ao mesmo tempo amável. — Estás bem?

Fiz sinal com os olhos na direção do gabinete da Ma.

— Ela é sempre assim?

— Quem, a Ma? — Ele riu-se, mostrando uns dentes enormes onde mal se vislumbravam as gengivas. — Oh, sim. É quase sempre assim. Vais acabar por te habituar... As pessoas também se habituaram ao Estaline.

Cociei o braço.

— Porque quer que a tratemos por Ma? Só parece ter uns 30 anos.

Harry pegou em quatro copos e colocou-os na máquina da loiça.

— Oh, Audrey... Ainda só viste a ponta do icebergue *a-Ma-é-louca*.

Nem de propósito...

— Audrey? — A voz da Ma ecoou desde o seu gabinete, mais aguda do que nunca. — A tua pausa terminou há dois minutos. Espero que estejas a repor o licor de cereja.

— Audrey, obedece... — sussurrou o Harry, e eu soltei uma gargalhadinha culpada.

... Exatamente como a Ma, apercebi-me.

Ficámos sem *guacamole* depois da segunda grande invasão da noite e a Ma reagiu como se a culpa fosse minha.

— Porque é que não me disseste que os abacates tinham acabado? — perguntou-me, entre dentes.

— Não sabia que tinha de o fazer.

A Ma afastou da cara uma madeixa de cabelo e vi-a a revirar os olhos ao cliente desiludido.

— Peço desculpa, mas ela é nova aqui. Posso oferecer-lhe húmus de erva-príncipe? Sim?

Havia tantas pessoas, que o Harry veio ajudar, trazendo caixas de pipocas e enchendo-as diretamente da máquina.

Notava-se à distância que o Harry tinha pinta de engatatório. A Ma dava risadinhas sempre que ele falava, tal como todas as clientes. Ele encantava-as com elogios aos casacos e ao corte de cabelo, e dizia «Boa escolha» quando alguém pedia qualquer combinação de comida e vinho.

— Estás a aguentar-te, Audrey? — perguntou-me, piscando o olho, enquanto pegava em pequenos pedaços de pão, e eu retribuí-lhe o sorriso.

*Sarilhos, sarilhos, sarilhos.*

Eu já me metera em sarilhos. Já passara por isso, porque perdera a virgindade com um filho da mãe muito giro, mas sem moral nenhuma.

Por fim, todos desapareceram para dentro das salas e as portas fecharam-se. De repente, instalou-se no átrio uma calma enervante.

Encostei-me ao balcão, sentindo-me exausta.

— E agora, o que se segue?

A Ma abanou a cabeça.

— Nem sequer olhaste para a rota que fiz para ti, Audrey? Agora, voltamos a limpar tudo.

Por isso, desinfetei todo o balcão, coloquei a louça suja na máquina e estava prestes a sentar-me para descansar os pés doridos, quando um homem bastante corpulento saiu da Sala Um. Olhei em redor, mas a Ma e o Harry tinham desaparecido.

— Ei, tu — chamou-me ele.

Endireitei-me, enquanto ele se aproximava do balcão.

— Posso ajudar?

— Quero um cachorro-quente *gourmet*, com molho extra.

E nem um *por favor*.

— Ok.

Peguei no dinheiro e virei-me para a caixa, tentando lembrar-me de como funcionava. Ele tossiu.

— Há algum problema? — perguntei-lhe.

— Estou a perder o filme.

— Demora uns minutos a fazer... — disse-lhe, tropeçando nas minhas próprias palavras, irritada pela sua agressividade. A Ma desceu as escadas e aproximou-se.

— Qual é o problema?

— Eu pedi um cachorro-quente — respondeu ele.

— Claro, claro. — A Ma bateu as palmas uma vez. — Em que lugar está sentado? Levamo-lo lá assim que esteja pronto. Desculpe... — Revirou os olhos pela segunda vez. — Ela é nova aqui.

O homem voltou então para dentro da sala e eu virei-me para o sítio onde o porco desfiado aquecia, de modo a que a Ma não conseguisse ver a minha cara.

— Não sabia que levávamos a comida aos clientes dentro da sala — disse eu, na defensiva. — Isso não interrompe o filme às restantes pessoas?

— Nós fazemos aquilo que o cliente quer — respondeu, olhando por cima do meu ombro para se certificar de que eu colocava carne suficiente. — Ele está sentado no lugar B12, que fica no corredor central, à esquerda. Posso confiar em ti para lho entregares assim que fique pronto?

Assenti com a cabeça, sentindo-me como se tivesse 8 anos.

— Boa. Agora, preciso de ir ver do Harry.

Ela afastou-se e eu continuei a preparar o cachorro-quente, espalhando os condimentos biológicos pelo pão de fabrico artesanal.

Reproduzi a sua voz entre dentes. *«Oooh, não te esqueças, Audrey, o cliente tem sempre razão. Mesmo que seja um malcriado incapaz de esperar meia hora pelo final do filme para comer o seu cachorro-quente ridícula-mente caro, fazemos o que ele quer...»*

— Parece-me que a Ma já te derrotou.

Sobressaltei-me ao ouvir a voz do Harry e deixei cair a tenaz, que foi parar ao chão com ruído, juntamente com o pão.

— Raios — disse eu, olhando com desalento para o cachorro-quente.

— Ups, regra dos cinco segundos. — O Harry baixou-se para o apanhar. Das suas roupas emanava, de novo, um ar frio. Soprou no pão, sacudiu-o e entregou-mo, sorrindo. — O chão dá-lhe uma textura mais delicada — explicou.

Dei por mim a soltar novamente um risinho parvo e peguei no pão; as nossas mãos tocaram-se.

— A Ma anda à tua procura.

— Oh, bolas! — exclamou ele, embora o seu sorriso não evidenciasse qualquer preocupação. — Pensei que estivesse tão embrenhada na sua rota que não reparasse que me esgueirei para fumar. — E subiu as escadas a correr, dois degraus de cada vez, até ao gabinete dela.

Sacudi do pão um pouco de lixo que lhe escapara.

— Obrigada por teres salvado o pão de fabrico artesanal — disse-lhe. Mas ele já chegara ao gabinete da Ma, deixando atrás de si apenas um pouco de ar frio.

Os meus olhos demoraram alguns segundos a adaptar-se à escuridão da sala quando abri a porta. Algumas cabeças viraram-se, incomodadas, na direção da luz, enquanto eu ia pé ante pé até ao lugar indicado pela Ma.

Olhei de soslaio para o ecrã, aproveitando a sua luz para me guiar até ao lugar B12.

A bonita heroína do filme de Dick Curtisfield corria pela neve em direção a um tipo, arrastando atrás de si um pequeno cão salsicha.

«Para», gritou ela. «Espera.»

O tipo que corria na neve parou e senti um suspiro em unísono de todos os espetadores. Localizei a silhueta do cliente e baixei-me junto dele.

— Aqui tem o seu cachorro-quente — sussurrei.

Ele estendeu a mão e agarrou nele com brusquidão, sem desviar o olhar do ecrã. Nem sequer agradeceu.

Voltei para trás silenciosamente e, quando estava prestes a sair, o ator disse: «Katie, tentei deixar de te amar, mas não consigo.»

Dei por mim a virar-me para o ecrã. Sempre admirara aquela atriz. Vi vezes sem conta as melhores cenas dela, para tirar algumas dicas. No ano anterior, teria estado desesperada por ver este filme. O ator principal segurava-lhe na cara com as duas mãos. O cão salsicha ladra-va aos seus pés.

«Tentaste?», sussurrou ela. Uma lágrima escorreu-lhe suavemente pelo rosto, sem estragar a maquilhagem.

Ele anuiu.

«Tenho tentado odiar-te. Tentei ignorar-te. Tentei não pensar em ti. Mas estou exausto, Katie. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, não

consigo deixar de te amar. Não consigo não sentir nada por ti. Cada pedaço do meu coração te pertence. Sempre pertenceu...»

Pestanejei com dificuldade, com a mão no puxador da porta e um nó na garganta. Saí da sala assim que a banda sonora assinalou o tão aguardado beijo. Passei rapidamente pelo bar, ignorando a Ma que me dava instruções e fui direta à casa de banho dos funcionários. E depois, com as cuecas nos tornozelos, coloquei a cabeça entre as pernas e solu-cei — enfiando o pulso na boca para o caso de a Ma entrar e me ouvir chorar.

# 3

O trabalho árduo não terminou quando todas as pessoas abandonaram as salas a esfregar os olhos e a dizer que aquele era, sem dúvida, o melhor filme de Dick Curtisfield. Era quase meia-noite quando a Mãe deu um saco de plástico para colocar o lixo e me mandou ir limpar as salas.

De repente, senti-me culpada de todas as vezes que deixei cair pipocas no chão do cinema. A sala estava uma lástima – parecia que alguém deixara cair ali uma bomba de dejetos. Resolvi, entretanto, olhar para o telemóvel.

Duas chamadas não atendidas e três mensagens de texto recebidas.

Mãe: A que horas regressas?

Mãe: Viste a minha mensagem?

Mãe: Não acredito que ele está a fazer-nos isto.

Voltei a colocar o telemóvel no bolso das calças de ganga e ajoelhei-me para apanhar as pipocas debaixo das cadeiras.

O Harry irrompeu pela sala, arrastando atrás de si um aspirador enorme e barulhento.

— Não estás a fazer isso como deve ser, Audrey — gritou, para se fazer ouvir. — Precisas disto.

Levantei-me, sacudindo da camisola os oito triliões de grãos de milho.

— Ninguém me disse que havia um aspirador.

— Chamamos-lhe *Magic Mike*. Tu recolhes todas as embalagens vazias e eu aspiro a alcatifa.

— Obrigada.

Comecei a recolher os copos de vinho dos suportes, tentando não bocejar. Estava de pé há muitas horas e ainda estava muito longe da minha cama. Por outro lado, o Harry efervescia de energia, como se tivesse uma aura de *Peta Zetas*. Ia cantarolando e sorrindo, enquanto aspirava o lixo. Quando desligou o aspirador, instalou-se um silêncio confrangedor. Sorri como uma tola, odiando o facto de ele ser um daqueles tipos que nos fazem logo sentir-nos tolas.

Ele tomou a dianteira, enquanto eu apanhava todas as caixas vazias de chocolates com 70 por cento de cacau.

— Este é o cinema mais classe média do mundo — dei por mim a dizer.

O Harry desatou a rir.

— E isso incomoda-te?

Meti outra caixa vazia dentro do saco do lixo.

— Só acho que este cinema está a exagerar um pouco. Isto parecia uma autêntica paródia.

O Harry empoleirou-se no braço de uma das cadeiras roxas, de braços cruzados e com um esgar na boca.

— E tu não és da classe média, pois não?

— O que é que queres dizer com isso?

Ele olhou-me de alto a baixo.

— Sem ofensa, mas não me parece que sejas a porra da Eliza Doolittle. Não és pobretonas.

Gostava da forma como ele dizia palavrões com tanto à-vontade.

— Sim, mas não sou da classe média...

— Por favor! — interrompeu-me, gesticulando na minha direção. — És tão classe média que até me espanta como não desprezaste este trabalho em Waitrose.

Fitei-o com os olhos semicerrados, observando o seu cabelo cuidadosamente despenteado e as suas calças rasgadas, mas compradas assim.

— Tu bem podes falar — retorqui. — Aposto que o gel do teu cabelo é biológico.

— És tão classe média que aposto que, quando eras miúda, tiveste a casa da árvore da *Sylvanian*.

Fiquei boquiaberta.

— Como é que sabes?

Desatámos a rir, o que foi muito fixe tendo em conta que acabáramos de nos conhecer. Deixei-me cair na cadeira ao lado da do Harry e percebi que seria bom trabalhar ali, desde que ele também trabalhasse. Sim, ele tinha pinta de *safado*, mas era divertido e eu já aprendera a lição sobre rapazes como ele.

— Já sei de onde te conheço — disse ele, virando-se para mim. — És irmã do Dougie.

— Como é que conheces o Dougie?

— A tua mãe conhece a minha. Parece que eu e o teu irmão frequentámos o mesmo sítio de massagens para bebés.

Ri-me.

— Bem, isso é muito classe média.

O Harry levantou-se e pegou no meu saco do lixo.

— Culpado. Ainda assim, eu prefiro trabalhar aqui do que no CineUniverse. O salário é melhor, os clientes são mais simpáticos...

Eu ia contradizê-lo.

— Eu disse mais simpáticos, não simpáticos. E a Ma vai acalmar quando perceber que não és uma perfeita incompetente. O Dougie está a gostar da universidade? Está em Sussex, não está?

— Sim, parece-me que está a gostar. Não falamos muito com ele.

Na verdade, desde que entrara na universidade que ainda não viera a casa, deixando-me sozinha com a mãe e o seu drama mais recente. Ia perguntar ao Harry porque não fora para a universidade, mas a Ma entrou na sala, viu-me a descansar e passou-se.

Já bem depois da meia-noite, a Ma deixou-nos ir embora.

— Também deverias ir, já é tarde — disse-lhe o Harry, mas ela despediu-se dele com um ar de mártir bastante encenado.

Sáímos para a rua gelada. A nossa respiração cristalizava quase instantaneamente no ar. Toda a cidade estava em silêncio, morta. Mesmo em frente do cinema, existia um cruzamento geralmente engarrafado de carros, mas agora as luzes do semáforo alternavam entre vermelho, laranja e verde sem que um único carro passasse por ali.

— Então, como foi o teu primeiro turno?

Ouvi o distinto som de um isqueiro a acender-se. O Harry deu uma passa no cigarro e, depois, expeliu o fumo, tendo o cuidado de não o fazer para cima de mim.

— Correu bem. Preciso do trabalho.

— Estás a juntar dinheiro para viajar ou algo do género?

Ele deu mais uma passa no cigarro.

— Sim, por aí.

O ruído do motor de um carro interrompeu o silêncio. Um *Peugeot* todo amolgado dobrou a esquina e parou de repente ao nosso lado. O Harry sorriu quando a porta do carro se abriu, revelando um monte de pessoas encafuadas lá dentro — parecia um daqueles números de circo onde um sem-número de palhaços entra para dentro de um *Mini*. A música *rock* obscenamente alta que vinha do interior do carro causou-me surdez momentânea.

— ELE É UM HOMEM LIVRE — gritou o condutor, e todos re-  
jubilaram. À exceção de uma rapariga — daquelas que, mesmo pela

janela suja do carro, dava para perceber que era das fixes —, todos os ocupantes eram rapazes. Fiquei ali a olhar para eles, sem saber bem o que fazer ou dizer, e reparei como a rapariga de blusão de pele sintética sorria para o Harry. Dei por mim a questionar se seria sua namorada.

O Harry deixou cair o cigarro ainda aceso e deu socos no ar.

— SOU UM HOMEM LIVRE POR 12 HORAS.

— VAMOS EMBEBEDAR-NOS — gritou o condutor.

O Harry entrou para dentro do carro e eu interroguei-me como é que ele iria conseguir enfiar-se lá dentro. Mas, assim que conseguiu, parou e virou-se para mim.

— Tens boleia para casa?

Abanei a cabeça.

— Não, vou a pé. Fico bem.

— Queres boleia? Onde moras?

Abanei de novo a cabeça.

— Eu vou bem a pé.

— Harry, vamos lá — gritou a rapariga, dentro do carro.

Harry hesitou.

— Tens a certeza? É tarde e está escuro.

Ergui o sobrolho.

— Estamos em Bridgely-upon-Thames.

*E também, se for a pé, levo mais tempo a chegar a casa...*

— Está certo. Vemo-nos por aí.

— Sim — respondi, mas a porta do carro já estava fechada. O Harry ia todo dobrado lá dentro. Arrancaram a toda a velocidade, passando com o sinal ainda vermelho.

E a cidade voltou a cair no silêncio.

Quando cheguei a casa, já tarde, as luzes permaneciam acesas. Assumi que ela ainda estaria acordada, mas, mesmo assim, tentei entrar sem fazer barulho para que não me ouvisse. Rodei o puxador da

porta com cuidado, para que não rangesse. A nossa casa era do estilo vitoriano — tetos altos e grandes janelas e coisas que fazem barulho a toda a hora. Entrar sem ser notada era praticamente impossível.

Descalcei os sapatos no tapete da entrada e fui de meias e em bicos dos pés até ao corredor.

Ouvi vozes e o tinir de copos.

A Sandra devia lá estar.

Revirei os olhos na direção do teto, querendo a minha cama, ansioso pela minha cama. Precisava de um copo de água, mas o tinir dos copos vinha da cozinha. Teria de beber da torneira do lavatório da casa de banho.

Arrastei-me até lá acima, lavei os dentes, tirei a maquilhagem e fui em bicos dos pés até à cama. Atirei com o meu novo uniforme para o chão e enfiei uma t-shirt velha do Milo. Ele fartou-se de me pedir de volta, mas disse-lhe que a perdera. Depois, sem ler nem nada, apaguei a luz do quarto e deitei-me na cama.

Conseguia ouvir as suas vozes através das finas tábuas de madeira do chão. Os risinhos, o abrir de outra garrafa de *Prosecco*. Era quinta-feira. No dia seguinte, ela ia trabalhar. Eu fora uma parva ao pensar que ela estava a melhorar. À medida que as minhas pálpebras se iam fechando, lembrei-me da frase do filme.

*Cada sentimento que tenho, cada pedaço do meu coração te pertence. Sempre pertenceu...*

Abanei a cabeça, enterrei-a na almofada e deixei-me dormir...

Um estrondo. O meu corpo estremeceu no colchão.

Um uivo.

Os meus olhos piscaram com dificuldade e abriram-se. Senti o hálito dela antes de a ouvir. Oh, Deus. Outra vez, não. Ela já não fazia isto há tanto tempo.

— Não foste dizer-me oláááá — lamentou-se.

Esfreguei os olhos para me habituar à luz que vinha do corredor.

— Olá, mãe. — Tinha tanto sono que mal conseguia pronunciar as palavras. Virei-me para ela. Deitara-se ao meu lado, na cama, de costas e com as pernas esticadas, como se estivesse deitada num caixão. As suas pupilas perscrutavam todo o quarto e todo o quarto tresandava ao seu hálito a vinho azedo. — Estava a dormir.

— Recebeste a minha mensagem? — perguntou, sem pedir desculpa por me acordar.

— Tenho aulas amanhã.

— A casa — disse ela, erguendo o tom de voz. — O teu pai quer tirar-nos a casa.

Depois, começou a soluçar e as suas palavras causaram-me dor — como se alguém estivesse a dar-me socos na barriga. Dois anos antes, o meu pai destruíra tudo ao anunciar que iria deixar-nos para ir viver com a sua nova família. Assim, sem mais explicações. Há meses que tinha vindo a preparar secretamente o terreno. A Jessie engravidou de gémeos e, semanas antes de eles nascerem, ele bateu com a porta do nosso lar e deixou-nos a consumirmo-nos até ficarmos em cinzas. Pensei que a situação não poderia piorar... Mas agora ele ia tirar-nos também a casa?

— Audrey, eu dei-lhe tudo. Tudo. É a nossa casa. O nosso lar... — Os seus soluços transformaram-se em soluços abafados. Enrolou-se toda na cama, como um bicho-de-conta... um bicho-de-conta bastante traumatizado. Estendi a mão na penumbra e afaguei-lhe o cabelo.

— Porquê? — lamuriou-se ela. — Não percebo porque está a fazer-nos isto. Porque é que está a fazer-me isto, Audrey?

Fiz-lhe uma festa na cabeça.

— Não sei, mãe — murmurei. Porque, na realidade, não sabia. Não sabia mesmo.

Os soluços da minha mãe transformaram-se em gemidos, que foram dando lugar a fungadelas e estas deram lugar a roncões, e eu... Fiquei acordada, a olhar para o teto, durante muito tempo.

# 4



## O MELHOR AMIGO QUE APENAS EXISTE PARA SER O TEU MELHOR AMIGO

Talvez sejam gay. Ou talvez sejam muitooooo maus com homens. Ou talvez sejam apenas destrambelhados. Na verdade, isso não interessa nada, eles apenas existem para ajudar a personagem principal a atingir o tão almejado «felizes-para-sempre». Não têm uma história própria, uma dimensão específica, a sua própria... bem, não têm nada. Com sorte, há uma reviravolta na última cena e acabam por ficar com o melhor amigo.



No dia seguinte, o Leroy estava igual a si mesmo.

— Audrey, estás com péssimo aspeto.

Mostrei-lhe o dedo do meio.

— Será que alguma vez na vida podes ser simpático? — reclamei.

— Estou só a ser sincero. E isso é ser simpático, não é?

— Não!

Bocejei enquanto caminhávamos para o liceu. Caía aquela chuva mesmo irritante em que é um bocado estúpido abrir o guarda-chuva, mas se não o fizermos, ficamos com o cabelo todo encrespado.

— Então, como é que correu ontem a noite? — perguntou ele, num tom um pouco mais preocupado. Bem, estamos a falar do Leroy e os seus níveis de empatia pelo que quer que seja são mínimos. Era por isso que gostava dele. Sem rodeios.

— Correu bem, acho eu. A minha chefe é um bocado controladora. Tipo, muito controladora. Mas isso não me chateia, desde que consiga estar fora de casa.

— A tua mãe continua atrofiada?

Sorri pela forma como o Leroy diz as coisas, sem qualquer filtro.

— Sim, continua. Enfiou-se outra vez na minha cama, ontem à noite. É por isso que estou com este aspeto. Para ser sincera, há algum tempo que ela não o fazia, mas soubemos que o meu pai... — A minha garganta secou e comecei a abrandar, não me apetecendo falar no assunto.

Fosse como fosse, desvaneceu-se rapidamente qualquer possível manifestação de solidariedade, porque o Leroy já perdera todo o interesse pela minha história e estava a ver as mensagens no telemóvel.

— É uma chatice o que está a acontecer-te — disse, mais para o telemóvel do que propriamente para mim.

Ele até se preocupava. Ele sabia que eu não gostava de falar no assunto. E eu não gostava de falar no assunto. Já disse que eu não gostava de falar no assunto?

Apontei para o seu telemóvel.

— Como está o reino?

Ele assentiu com a cabeça, fez deslizar o ecrã para a esquerda, tocou-lhe e, depois, olhou para mim.

— Oh, uns atrasados do caraças. Alguém disse que bateram o meu tempo no *Rainbow Road*.

Fingi surpresa.

— Claramente que isso é impossível, certo?

O Leroy teclava no telemóvel, feito louco.

— É precisamente o que estou a dizer-lhes.

O Leroy tinha esta estranha vida dupla de *gamer* anónimo. Jogava jogos que tinham sido descontinuados antes mesmo de nós estarmos na barriga das nossas mães. Mas era bom e publicava no *YouTube* vídeos dele a jogar. Não sei bem como, mas tinha cerca de 200 mil subscritores.

— Aposto que aquele merdoso está a usar o atalho *feather* e ainda diz que é o seu tempo real — resmungou. — Batoteiro. — Parou de insultar os seus adversários e olhou para mim, a sorrir, enquanto guardava o telemóvel no bolso das calças. — Ok, estou de volta, desculpa. Então, como é que é o *Flicker*? Os bilhetes são tão caros.

— Isso é porque o cinema é ridiculamente snobe! — respondi. — Os clientes são detestáveis, tão cheios de si. E não há comida normal... — O Leroy desatou a rir-se quando lhe falei da canela nas pipocas. — Mas o trabalho é bem pago e trabalha lá um tipo, o Harry. Foi simpático. Conhece-lo? Ele disse que conhece o Dougie.

— Qual é o apelido dele?

— Não sei.

— Como é que ele é? É jeitoso?

Bati-lhe com a minha mala.

— Não está completamente fora de forma. Tem o cabelo preto comprido, mas usa-o todo espetado com imenso gel. Hum, talvez tivesse olhos verdes? Ou castanhos? Não sei bem, está escuro nos cinemas. Talvez seja asiático.

O Leroy olhou-me, perplexo.

— Talvez seja asiático?

— Bem, não sei, pois não? É um bocadinho parecido com o Joseph Gordon-Levitt.

— Audrey, por favor. Ele é judeu!

— Ok! Já te disse que não sei.

Em Bridgely-upon-Thames, todos pareciam conhecer-se de alguma forma. Só havia duas escolas secundárias e raramente as pessoas iam morar para outras cidades.

O Leroy ficou pensativo a visualizar algumas caras na sua cabeça.

— Ok, vamos recapitular. Um tipo com um ar asiático, talvez judeu com olhos castanhos ou verdes...

Ri-me e bati-lhe de novo com a mala.

— Hum... Os amigos foram buscá-lo ao cinema — disse eu. — Todos pareciam gostar bastante de música *rock*. Estava lá uma rapariga com cabelo meio rapado a pente zero. Ele fuma...

— Talvez seja o Harry Lipton. É católico?

— Fogo, Leroy. Como é que queres que eu saiba? Ele não me enfiou num confessionário e confessou todos os seus pecados escabrosos.

O Leroy sorriu.

— És uma lástima com os homens.

Bati-lhe com a mala pela terceira vez.

— Se ele for católico, deve ser o Harry Lipton. É um pagão que abandonou a igreja. Bem, pelo menos é o que diz a minha mãe.

— Como é que ela sabe disso?

Ele suspirou.

— Ela tem um registo de quem vai à igreja e com que regularidade. Encontrei uma lista.

— A tua mãe é tão estranha — disse eu, enquanto agarrava numa ponta do meu cabelo para ver como estava a ficar encrespado por causa da chuva.

— A quem o dizes. Adiante... Se é o Harry que estou a pensar... Acho que ele foi para a cama com a Cassie no ano passado e, depois, largou-a. E ela estava bastante interessada nele.

— A Cassie da tua igreja?

Ele anuiu.

— A tua igreja tem muitos dissidentes secretos.

Ele curvou-se e fez a mais gay de todas as reverências.

— Audrey, não faço a mínima ideia do que estás a dizer.

A conversa mudou rapidamente para outros temas que não o cinema, e ambos nos queixámos do curso, da escola, da cidade — o costume.

O Leroy passara a ser a minha tábua de salvação depois do que acontecera com o Milo. Conhecemo-nos no clube de teatro, mas ficámos amigos quando ele deu comigo a chorar por trás das cortinas do palco. Eu soube que ele tinha tudo para ser meu amigo, quando me disse: «Não leves a mal, mas és a chorona mais feia que alguma vez vi.» De alguma forma, apesar do desgosto por que estava a passar, aquilo fez-me rir.

À medida que nos aproximávamos do liceu, vislumbrámos outros alunos com farda azul igual à nossa, até estarmos todos a arrastar-nos na mesma direção. Despedi-me do Leroy e encaminhámo-nos para as nossas aulas, mas ele, como de costume, não se despediu. Estava novamente agarrado ao telemóvel, a resmungar sobre os atalhos do *Rainbow Roads*. Vagueei pelos corredores apinhados, em direção à aula de Ciências da Comunicação. Esfreguei os olhos tentando disfarçar o cansaço, mas com cuidado para não esborratar o rímel. A Alice estava sentada no nosso lugar do costume. Fez-me sinal, exibindo umas longas unhas acabadas de pintar, e eu aproximei-me e atirei com as minhas coisas para o lado dela.

— Cor nova? — perguntei, apontando-lhe para as mãos.

— Sim. Chegou ontem por correio. É da América e tem folha de ouro... Vês? — Quase me espetou os dedos na cara.

— Já vi. — A falta de entusiasmo na minha voz era evidente, mas ela fingiu não notar.

— Como foi o teu primeiro dia de trabalho?

— Bom. — A noite anterior mais parecia ter sido um sonho. Nem queria acreditar que teria de voltar hoje e fazer tudo de novo. — Vais visitar-me? Com o resto da malta? — Tentei esboçar um sorriso. Parecer mais entusiasmada. Mas ambas as tentativas não passaram disso.

Uma vez mais, a Alice fingiu não reparar.

— Oh, sim, claro que vamos. Consegues arranjar bilhetes com desconto? — A sua tentativa para uma conversa entre duas amigas foi mais bem-sucedida do que a minha... ou talvez fosse mais genuína. Talvez só eu sentisse uma espécie de fosso entre nós que dantes não existia.

— Não sei. Ainda não perguntei.

— Espera lá... — A Alice enrolou uma madeixa de cabelo no dedo. — O novo filme do Dick Curtisfield já estreou? Podemos ir ver esse. Adoramos os filmes dele!

— Claro! Parece-me ótimo! — Tentei mostrar entusiasmo. — Amanhã, estou a trabalhar.

— Perfeito! À hora de almoço, já vejo com as meninas. — O seu sorriso era genuíno, mas o seu tom de voz era forçado e por isso senti uma dor no peito. Pelo que eu fizera a ambas, pelo que fizera à nossa amizade.

Fiquei aliviada quando o professor Simmons entrou na sala e começou a aula. Aliviada por não ter de fazer conversa da treta com aquela que outrora fora a minha melhor amiga — a rapariga que provavelmente ainda achava que éramos melhores amigas. Não conseguia entender como é que tudo o que acontecera com o Milo mudara a forma como me dava com as minhas amigas quando elas me tinham dado todo o seu apoio — mas tinha.

Cresci com a Alice, a Becky e a Charlie. Dois pares de melhores amigas — «o gangue das raparigas» como os nossos pais nos chamavam. Passámos juntas pela escola primária, pela puberdade e pelos exames do 9.º ano, e enfiámo-nos numa caravana em direção a Newquay para umas férias de maluqueira. E a nossa amizade sobreviveu ao primeiro abanão na minha vida: quando o meu pai deixou a minha mãe. Elas abraçavam-me quando eu chorava e ofereciam-me chocolates — para a minha mãe e para mim também. Mas depois, no início do verão, depois do 1.º ano do Ensino Secundário, aconteceu aquilo com o Milo e

senti que tudo na minha vida se desmoronara. Até as amizades. Senti-me demasiado humilhada para sequer lhes contar o que acontecera. Era difícil estar com elas. *O que é que achas deste vestido? O Russel não é tão giro? Não achas que a Sarah estava mais gira antes de ter cortado o cabelo? Queres ir às compras este fim de semana? Vi um casaco, mas não sei se me fica bem.* As suas frases de incentivo *Oh-Audrey-vai-tudo-correr-bem* davam-me a volta ao estômago e eu fugia delas para os braços do treloucado Leroy. Dentro de mim, algo mudara, enquanto elas continuavam a ser as mesmas de sempre.

O professor Simmons andava de um lado para o outro e isso levou-me de volta à aula de Ciências da Comunicação.

— Portanto, está na altura de começarem a pensar no vosso trabalho de investigação. — Virou-se e voltou para trás. — O objetivo deste módulo é ensinar-vos a pesquisar um tópico de forma independente, ajudar-vos a prepararem-se para a universidade.

A Alice fez uma cara assustada e eu tentei fazer uma igual.

— Por isso, precisam de encontrar algo nos *media* para analisarem criticamente. Pode ser qualquer coisa. Mas tentem ser específicos.

Mais uma volta. Mais um passeio pela alcatifa cheia de nódos de pastilha elástica.

Um rapaz, o George, pôs a mão no ar.

— Portanto, podemos fazer o que quisermos durante todo o ano letivo?

— Boa tentativa — disse o professor Simmons. — Creio que vão considerar este trabalho mais difícil do que ter-me a explicar-vos matéria para um exame. Muitos irão achar que o mais difícil será encontrar um tema.

A Alice pôs a mão no ar e as suas unhas brilharam.

— Sim, Alice?

— Pode dar-nos alguns exemplos?

— Claro, claro. — Pegou num monte de folhas e começou a distribuí-las. Tirei uma e olhei para a fotocópia de um texto escrito por

outra pessoa. — O verdadeiro critério aqui é vocês pegarem em algo dos *media* e analisarem-no de uma perspectiva académica: notícias, séries, filmes de Hollywood, pode ser o que quiserem... No ano passado, um aluno analisou a cobertura do desporto feminino feita pelos grandes canais noticiosos e comparou-a com a cobertura dada ao desporto masculino. Outro analisou a colocação de certos produtos nos filmes do James Bond. Outro analisou o destaque dado a atores negros em filmes nomeados para os Óscares... — O professor Simmons sentou-se e bebeu um pouco de café da sua caneca. — Sei que é um pouco avassalador, por isso, nos próximos dez minutos, vamos só tomar nota dos temas que vos interessam.

A Alice e eu entreolhámo-nos com um ar surpreso, sem a mais pálida ideia do que fazer.

— Alguma ideia? — perguntou-me.

— Nenhuma. E tu?

— Não sei. — E começou a desenhar espirais na margem do caderno. — Creio que podia fazer algo sobre revistas femininas.

— Isso parece perfeito. E seria ótimo para o teu CV, quando começares a procurar trabalho.

Desde os 7 anos de idade que a Alice queria escrever para uma revista feminina. Vivia num estado de desespero constante perante a ideia de que o jornalismo impresso estaria morto quando ela tivesse idade para realizar o seu sonho.

— Vou fazer isso, então. — Endireitou-se na cadeira e escreveu «revistas femininas».

Eu continuei a bater com a caneta na mesa enquanto observava todos à minha volta a escrevinhar nos cadernos. O George era o único que, tal como eu, olhava para o vazio, e sorrimos um para o outro. Depois, lembrei-me de que o George era um dos melhores amigos do Milo e fiquei em pânico com a ideia de ele poder saber o que aconteceu. Corei, senti-me um pouco enjoada e voltei a olhar para a minha página em branco.

O que é que eu poderia pesquisar durante um período inteiro?  
Haverá alguma coisa que interesse assim tanto a alguém?

O professor Simmons deve ter-se apercebido da minha hesitação, porque aproximou-se da minha secretária e agachou-se ao meu lado.

— Estás com dificuldades, Audrey?

Fiz uma careta ao sentir o seu forte hálito a café.

— Não me ocorre nada.

— Bem, quais são as tuas áreas de interesse?

Encolhi os ombros e senti-me exposta por todos estarem a ouvir.

— Não sei.

— Filmes, televisão? Com todas as peças de teatro que fizeste na escola...

Recuei quando ele me disse aquilo. Foi como se me tivesse cuspido num olho. Encolhi novamente os ombros.

— Sim, gosto de filmes.

— Fantástico. — Reagiu como se eu tivesse acabado de resolver uma equação impossível e não dito apenas a coisa mais banal de sempre. — De que género de filmes gostas?

Já não tinha bem a certeza do que gostava. Não tinha a certeza de porque é que ali estava. Porque é que estava a fazer Ciências da Comunicação, em vez de Teatro. A minha disciplina favorita — bem, a única disciplina de que gostava — e eu desisti dela. Desisti de Teatro... Basicamente, andara meio zombie desde o verão, sobrevivendo a cada dia, contando-os, embora não soubesse ao certo porque os contava. Decidia o que fazer em função do que exigisse menos esforço, trouxesse menos sofrimento. Perdera toda a energia depois do que o Milo me fizera. Quando sentia alguma, era uma espécie de raiva gelada, mas ardente, que me percorria o corpo e que não dava sinais de desaparecer.

— Gostas de filmes românticos, não gostas, Audrey? — perguntou a Alice, despertando-me do meu torpor.

— Ah, a sério, Audrey? — O professor parecia surpreendido.

Senti-me a enrubescer.

— O nome dela é uma homenagem a Audrey Hepburn.

— Mesmo? — perguntou o professor Simmons e, a custo, lá conseguiu assentir com a cabeça. — Bem, ela é, sem dúvida, um ícone do cinema. Talvez pudesses fazer o teu trabalho sobre ela?

Lancei-lhe o meu melhor olhar de *nem-pensar*.

— Ouuuuu talvez não. Mas gostas de filmes românticos?

Abanei a cabeça de forma veemente.

— Gostava. Mas já não gosto.

Sem entender as minhas indiretas, ele insistiu.

— Percebo, e porque não?

— Porque estão cheios de mentiras inúteis. — Isto saiu-me da boca para fora sem que eu desse por isso. Ouvi o George a rir-se e afundei-me no meu lugar, envergonhada com a minha explosão.

Pelo menos, isto calou o professor Simmons por uns breves 30 segundos. A Alice riu-se, tentando quebrar o gelo e, de repente, senti uma ânsia de a odiar, embora ela não tivesse feito nada de errado.

— É verdade — insisti. — Os filmes românticos destroem relacionamentos. Oferecem uma ideia de amor que não é sustentável na vida real. É peri... — Ia dizer «perigoso», mas olhei em volta e todos me fitavam. Cerrei os punhos. Procurei uma palavra menos intensa. — É... patético?

O professor fez um sorriso do género *sinto-pena-de-ti* e instantaneamente puxei as mangas para baixo, inclinando-me sobre a secretária para que o cabelo me cobrisse a cara.

— Audrey, creio que estamos a chegar lá — disse ele, calmamente. — Pelo menos, escreve isso. Pensa como podes desenvolver essa ideia.

— Ela trabalha num cinema — referiu a Alice, rapidamente. A minha porta-voz não oficial para a aula de hoje. — No Flicker.

— A sério? — O professor Simmons levantou-se. — Então, vou ficar à espera de um tema excelente, Audrey, pois tens a vantagem de poderes ver muitos filmes de graça.

— Ainda não sei se posso ver os filmes — repliquei, mas o professor Simmons já me virara costas.

Olhei para o meu caderno.

Tinha escrito:

*Porque é que o amor nunca é como nos filmes?*

Serenatas românticas, beijos à chuva  
e declarações de amor épicas...  
Isto só acontece nos filmes!



A **AUDREY** não quer saber de amor nem de paixões piegas. A vida dela já tem drama que chegue! Para fugir ao caos que se instalou em casa, ela arranja um trabalho no cinema local, sem imaginar que é precisamente aqui que vai encontrar um drama chamado Harry.

O **HARRY** é um aspirante a realizador de cinema e encaixa em todos os clichês lamechas dos grandes romances. Rosas vermelhas, velas e charme de *bad boy*, ele vai tentar de tudo para conquistar a descrente Audrey.

Mas, por favor, poupem-na! É bem sabido que o amor da vida real não é como nos filmes, certo? Ou talvez a Audrey se surpreenda...



«Divertido, intenso e incrivelmente real,  
*Isto Só Acontece nos Filmes* é sobre apaixonarmo-nos  
e cedermos ao amor, apesar dos nossos próprios medos.»

*The Telegraph*

**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-847-9



9 789896 688479

Ficção Romântica